

SUPLEMENTO
HUMORÍSTICO DE

O SÉCULO



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Século, 43 — Lisboa

ANALOGIAS



— Parabens, colega Deschanel.

— Colega?!

— Sim: ambos entrámos pela porta e saímos pela janela...



PALESTRA AMENA

Os preços

Pois é verdade: lá por fóra, isto é, em paizes que sofreram muito mais do que o nosso com a guerra, os preços dos generos mais necessarios á vida vão baixando. Entre outras noticias que provam o que dizemos, leia-se esta, chegada pelos fios: «Informam de Chalons-sur-Saône que nas feiras e mercados da região se notou uma sensível redução no preço dos generos. O das aves e legumes sofreram importantes baixas. Os leitões, em 8 dias, baixaram mais de 100 francos.»

O telegrama não é lá grande coisa quanto a redacção, deixando supôr que em Chalons-sur-Saône os leitões são aves ou legumes; mas o sentido de apreende-se facilmente, mesmo que haja engano d'alguns francos, porque isso d'um leitão custar menos 50 escudos de que custava na semana anterior indica que se trata de porcos, que já não chucham na teta da mãe.

Dos Estados-Unidos chegam noticias igualmente animadoras, mas o peor é que se estas são animadoras para os americanos e aquelas para os franceses, não o são para nós, portugueses, por aqui o aumento dos preços é diário e vai tão longe que não tarda que chegue ao incomensuravel.

Outrem se importe com isso, nanja nós, que estamos resignadissimos e preparados para andar nus e estoirar de fome, logo que o alfaiate e os fornecedores de generos alimenticios resolvam não nos fazer vendas a credito. E não nos importamos, porque já perdemos completamente a noção do valor e a do preço, nada nos admirando que peçam 100 pelo que antes pediam 10. Olhem: ha dias, a pedido d'uma senhora, como tinhamos de passar pela rua dos Retrozeiros, fomos comprar uma duzia de colchetes.

— Quanto custam? perguntámos, depois do caixeiro fazer o competente emburullo.

— Dois tostões.

Puxámos da carteira e contámos dois mil e quatrocentos réis — desculpem se contámos á antiga, para mais depressa — que entregámos ao rapaz.

— Quanto dá o senhor?

— Dois mil e quatrocentos... vinte e quatro tostões...

— Mas são só dois tostões.

— Cada um...

— Não, senhor; os colchetes custam a dois tostões a duzia.

Ficámos admiradissimos, muito mais do que se nos custassem efectivamente os vinte e quatro centavos — agora vai á moda moderna, para mais depressa tambem.

Estamos em que o caixeiro, em vista do nosso engano e de verificar que estavamos desorientados quanto a preços, marcaria os colchetes a vinte e quatro centavos a duzia, para o futuro...

Adiante. O caso é que lá por fóra as coisas embaratecem e aqui encarecem. Já alguém viu que se procurasse remediar este desacerto, com medidas serias, de efeito mais ou menos immediato? Boas intenções, das quais o inferno está cheio, e nada mais: consorcios bancarios, seguidos dos respectivos divorcios, consultas... aos interessados em que os preços não baixem, agora *Cartels*, que é um nome muito vistoso, indagações dos srs. ministros sobre a quantidade de calçado que os Estados-Unidos podem fornecer, e quartel general em Abrantes, tudo não como d'antes mas peor do que sempre, até o tal final acima anunciado: rebentarmos, com o que o leitor nada perde, ficando desde já dispensado dos elogios postumos da praxe.

J. Neutral.

Meninas do telefone

Pela decima milésima vez os jornais queixam-se das distracções das meninas dos telefones, as quais fazem durante horas ouvidos de mercador ás respectivas chamadas — mas, na



nossa opinião, os queixosos não tem a razão por seu lado. Se não, imagine qualquer assinante que é menina, por momentos e que tem os cuidados inerentes ao seu sexo de emprestimo.

Primeiro, não ha menina que não te-

nha namoro. Não ha de a menina, durante o tempo que está na repartição, escrever falar ou pensar no namoro? Ha de, é claro. O assinante:

— Está lá?

Ora a menina está lá, mas está com o namoro a contas. E' justo que se distraia? Não manda a delicadeza que não se perturbe uma senhora em casos tais?

De onde, a pergunta que o assinante deve fazer, antes de pedir o numero que deseja, é:

— Interrompo a menina nos seus exercicios amorosos?

E só depois de ela responder que não, é que se dá começo á conversa telefonica.

Outra hipotese. A menina está zangada com uma colega, o que necessariamente tem de se dar frequentes vezes, ou porque a colega tem um vestido melhor, ou porque não estão ambas de acordo na escolha d'um figurino, ou porque uma tem uma pulseira-re-

logio e outra não, etc. Não será da mais elementar delicadeza esperar que a discussão entre as meninas termine, para então se lhe pedir o numero?

O que dizemos das meninas dos telefones applica-se ás meninas dos correios, ás dos caminhos de ferro, etc. Ha pouco quizemos comprar uma estampilha em certa estação postal — e tivemos de esperar uma boa dezena de minutos porque ao *guichet*, do lado do publico, se encontrava um manco que não ia comprar estampilhas mas que entretinha com a estampilhadeira um doce colloquio amoroso. Indignámo-nos, fomos queixar-nos para os jornais? Não; invejámos o felizardo, apenas.

Sejamos cavalheiros.

Novos impostos

O que ai vai, por causa dos projectos dos novos impostos, não vai em Roma. Toda a gente declara que sim, que quer pagar mais, visto que, tendo diminuido o valor da moeda não é justo que se dê em contribuição ao Estado a quarta parte de que se dava antigamente, mas quando se trata de aproveitar tão boas intenções, cada qual reponta o mais que pode.

Tudo se conciliaria, supomos, se a materia tributavel — como soe dizer-se em linguagem tecnica — fosse bem escolhida. E para essa escolha, cá esta-



mos nós, como sabios economistas que nos presamos de ser.

Propomos, pois:

1.º — Um imposto, sob a forma de estampilha, applicado nas meias das senhoras, tanto mais pesado quanto maior fosse a porção de perna que desejassem mostrar. Se se applicasse uma estampilha em cada palmo de gambias, havia menina que pagava as suas seis.

2.º — Selagem de todos os quadros que os pintores expuzessem e que tivessem por bons.

3.º — Imposto anual fixo sobre as mulheres formosas, ás quais seriam distribuidos recibos que trariam á vista. Qual é a que se recusaria?

Basta para amostra.

N'esta ordem de idéas podem-se multiplicar os impostos infinitamente.

**Dois milhões de contos!**

Como é muito costume, ultimamente, aplicar a aritmética ás desgraças nacionais, fazendo contas, entre outras coisas, ao que cada um de nós deve pelo que o Estado gasta — como se cada um de nós tivesse culpa de que os outros sejam desgovernados — será bom fazer a mesma coisa quando se trata de receber, a fim de não desanimarmos de todo.

Não sabemos se leram que o sr. dr. Afonso Costa apresentou ou vai apresentar na Conferencia de Spa um memorial sobre as reclamações do nosso paiz, para ser contemplado na repartição da importancia que se vai fixar como indemnisação total devida pela Alemanha: são nem mais nem menos do que dois milhões de contos de réis, que nos entrarão pela porta!

Ora, como Portugal continua a ter seis milhões de habitantes, incluindo crianças e militares sem gradação, não temos mais do que dividir dois milhões de contos por seis milhões para sabermos quanto cabe a cada um: são trezentos mil réis por cabeça, se não estamos em erro de cifra.

Dá ou não dá para um fato de bom cheviote?

Pão com vidro

Bolas! Talvez os senhores quizessem que o pão, pelo preço por que o compram, fosse feito com cristal da Boemia! O' da guarda, porque o fabricam com vidro de vidraça, da Marinha Grande ou da rua das Gaivotas. Então, que mais exigem?!

Ao que parece, declaram-se incapazes de digerir o vidro. Mas oiçam lá: que culpa tem os moageiros ou os padeiros que os freguezes tenham um



estomago tão reles, tão mal construído, que não possa assimilar o que um avestruz engole sem o menor sinal de incomodo?

Concordamos em que nos primeiros tempos o estomago humano extranhe o vidro; mas é isso razão para que se não vá adaptando pouco a pouco a esse ingrediente, para que as gerações futuras não venham mais fortes do que as actuais?

Dê se, por exemplo, um bife de vaca a um recém-nascido; rebenta, já se sabe, mas isso não é motivo para se alimentar o homem a leite toda a vida.

EM FOCO**Fausto Gonçalves**

*E' um moço pintor e quartanista
Da nobre faculdade de direito,
Braço, pois, ao pincel e tintas feito,
Mente dada á sciencia do legista.*

*Que se mostra notavel como artista
Atesto, com muitissimo respeito,
Se o codigo maneja ou não com geito
Não sei, nem documentos tenho a vista.*

*O que afirmo, porém, é que se um dia
Eu fôr preso, por minha desventura,
Quando ele exerça já a advocacia,*

*Não quero semelhante criatura
Para meu defensor, que poderia
Borrar o demonico da pintura.*

BELMIRO.

Não sabemos se o leitor compreendeu esta logica. Queremos dizer na nossa que devemos vencer a nossa repugnancia pelo vidro, a fim de que os nossos netos possam comer vidraças inteiras, como se faz mister.

A draga «Aurora»

Chegou ou está para chegar a Lisboa uma velha draga, que durante longos anos permaneceu inactiva e com a qual, em fiscalisação e outras manigancias, se gastou dinheiro que chegaria para adquirir tres dragas novas.

«Aurora» foi o nome que os padinhos de baptismo lhe puzeram e que

Torre de Chifre

Já que tanto insta, aí vai na secção que deseja.

Leiam:

O que tu me confessaste

Ao meu amigo L. F. A.

Ando de dia triste, acabrunhado,
Pensand' em ti ao menor movimento.
Lembro-me de ti quando de braço dado
Passeamos juntos ao sabôr do vento.

Pastiste, e eu fiquei alucinado!
Sosinho! Quiz distrair-me foi em vão!
Qualquer gesto, a mim o abandonado,
Me faz chorar, cortando o coração.

Ando já sem esperanças de um dia
De te tornar a vêr! Louca ambição!
Quem sabe? Quem poderá adivinhar?..

Mas viver até lá é uma agonia.
Um mar de tristezas pr'ó meu coração,
Sim, talvez... mas nunca deixarei de
amar!

STOLO.



ainda conserva, apesar de ter entrado no crepusculo. No entanto não lhe cabem censuras nem a quem autorizou as despezas; áquella, porque se não fez bem algum, também não fez mal; a este, porque o dinheiro podia ter sido gasto em más acções, como tantas vezes acontece, e d'esta vez dispendeu — apenas inutilmente.

Aos que estranharrem as nossas palavras, isto é, o gastarmos espaço e tempo em tão insignificante assunto, temos a dizer que ele não é tão insignificante como parece: a draga «Aurora» é um simbolo, como as obras de Santa Engracia e outras coisas, sem as quais Portugal perderia a sua patustica individualidade.

Correspondencia

D. Cezar de Bazam — Uma coisa se lhe aproveita: o pseudonimo. O resto, para o lixo.

D. Emilia G. — Queira a madama bater a outra porta. Para cá não pega.

Balões de oxigenio



O enfermo:

- E se o medicamento me não restabelecer, doutor?
- Então, só lhe vejo um remedio: trabalhar. Já experimentou?
- Ainda não...